



SALÁRIOS: "somos humanos, mas ninguém nos dá valor". Correio Popular, Campinas, 03 mar. 1979.

# "SOMOS HUMANOS, MAS NINGUÉM NOS DÁ VALOR"

Para Idelfonso de Souza, "a empresa não tem condições de conceder aumentos salariais em bases fixas e definitivas. O sindicato fez um ofício e enviou à empresa dando um prazo até o dia 28 do mês passado. Em vista disso a empresa estudou as propostas apresentadas pelo sindicato e decidiu reajustar também os prêmios englobando o prêmio como salário". Concluiu dizendo que o sindicato convocou nova assembleia, anteontem à tarde, ocasião em que, segundo Idelfonso, não compareceu ninguém, nenhum líder que representasse a classe dos motoristas da empresa.

"Numa situação dessas — comentou — Idelfonso — tanto a empresa como o sindicato ficaram sem uma resposta positiva sobre o problema. O sindicato, por sua vez, ficou alheio a tudo isso".

Para o Secretário da Administração da CCTC, "nem o sindicato, nem a empresa sabiam que os motoristas realizassem essa greve. Não obstante, ocorreu um fato estranho: a CCTC publicou ontem, na imprensa local, carta remetida em 28 de fevereiro ao presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Campinas, "por se tratar de assunto que interessa diretamente à população da cidade — especialmente aos que diariamente se utilizam do serviço de ônibus".

Para alguns motoristas de ônibus esse comportamento da CCTC é muito estranho: "eles sabiam ou pelo menos previam que estaríamos prontos a realizar uma greve caso nossas reivindicações salariais não fossem atendidas", comentou um funcionário da empresa, que trabalha na linha Swift/Boa Vista.

Mas, para Idelfonso, a CCTC não está pensando, "em hipótese nenhuma, punir seus funcionários por provocarem essa greve, nem mesmo demitir quem quer que seja. Agora, qualquer resposta positiva só será dada logo mais à tarde, através dos contatos que estão sendo tratados com o diretor da empresa, de São Paulo, presidente do sindicato e prefeitura".

## CONTRATO

O contrato da Companhia Campineira de Transportes Coletivos, concessionária da Auto Viação Cometa, em Campinas, foi assinado em 10 de fevereiro de 1.961, através da Lei n.º 2.350, de 5 de outubro de 1.960. Mas, nos termos das leis 2.350, de 05 de outubro de 1960, e 3.628, de 22 de novembro de 1967, e conforme o despacho proferido pelo prefeito a 18 de dezembro de 67, no processo n.º 3.718.67, ficando prorrogado por mais dez anos, ou seja, até 1.981.

## MOTORISTAS RECLAMAM

Mário Martins, motorista há 8 anos, ontem à tarde era interpretado pelos seus colegas de trabalho, como "líder", embora discordasse que estava, na realidade, liderando o movimento grevista.

"Não sou líder coisa nenhuma. Apenas fui escolhido pelo presidente do nosso sindicato, Mauro Ribeiro para representar a classe, você entende? Uma espécie de intermediário" — disse Mário. Os seus colegas, ao seu redor, apoiavam e complementavam as informações que Mário prestava à imprensa.

Tanto Mário Martins como vários outros motoristas começaram a fazer uma série de denúncias sobre a má reputação e comportamento dos atuais dirigentes da empresa.

Segundo as denúncias dos motoristas, "a empresa exige que a gente faça horas extras até não se poder mais trabalhar. No carnaval, por exemplo nós não tivemos horários fixos". "Nós chegamos a trabalhar cerca de 23 horas corridas. Não passamos de escravos, não recebemos salários que nos permitam viver com certo conforto com a família. Na situação em que está, não é possível a gente trabalhar direito, atender bem aos passageiros. Tudo gira em torno de dinheiro: se você ganha bem, está contente com o seu salário, logicamente você também vai atender bem aos passageiros. Não há horário para almoço, para um lanche meio rápido. Tudo é feito às pressas, dentro do próprio ônibus. Mas isso ninguém vê. É um sacrifício que ninguém vê".

Outro motorista disse ainda que "quando a mulher da gente vem trazer o almoço, falam que são prostitutas, que são mulheres à-toa e a gente não pode fazer nada. E, além disso, eles (empresa) dão gancho de três dias sem mais nem menos. Olha, rapaz, é duro você ter que trabalhar durante 8, 9 ou até 11 horas sentado num banco de ônibus, rodando o tempo todo pela cidade. O gancho come solto, aqui na CCTC". É preciso que os empresários nos deem mais atenção. Na certa haverá o retorno disso tudo porque também somos seres humanos".





Motoristas de táxis roubando a população cobrando taxas além da tabela